

# FORMAÇÃO DOCENTE VERSUS HABITUS DOCENTE: UM OLHAR DO NOVO SOBRE O ANTIGO

BAIRROS, Mariângela - UFRGS.  
[mariangela.bairros@terra.com.br](mailto:mariangela.bairros@terra.com.br)

Área Temática: Formação de Professores  
Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

## Resumo

Formação docente *versus habitus* docente: Um olhar do novo sobre o velho é o tema deste artigo, e busca refletir acerca da formação e da prática docente.

Este trabalho é parte de minha pesquisa de doutorado, ora em andamento, e que pretende, neste evento, apresentar e incitar uma discussão teórico-metodológica sobre a necessidade de formação de um docente investigador, reflexivo, crítico e atualizado.

Iniciamos este novo século, no Brasil, com a universalização do acesso, das crianças em idade escolar, no ensino fundamental. E a escola? Mudou? O que temos de novo para falar sobre a escola?

A problemática social e cultural choca a escola, sua vulnerabilidade perante este novo mundo é, sem dúvida, mediado pela prática docente.

O objeto da análise a ser abordado neste trabalho é de que o *habitus* docente, o capital cultural, e espaço social de vulnerabilidade são elementos entrelaçados na tarefa de ser professor. A busca por propostas didáticas e aporte de novas tecnologias que pensem e ajudem a vida cotidiana, nas instituições educativas, são questões que devem direcionar e permear a formação de docentes na atualidade.

O docente precisa construir uma visão crítico-reflexiva a partir de uma prática contextualizada, como meio para estabelecer novas formas de intervir na realidade, mas não só, também como força e possibilidade de fazer surgir novos discursos teóricos e concepções alternativas para a construção de aprendizagem e de saberes, pois aprender é atribuir significados ao que se aprende.

**Palavras-chaves:** Formação docente;, Habitus; Visão crítico-reflexiva; Transformações educacionais.

## Introdução

O século XXI está prestes a completar sua primeira década. Vão longe os anos de 1980 do século passado, quando iniciou-se o ciclo do chamado Neoliberalismo e da Globalização.

O declínio do Welfare State trouxe em sua esteira, o advento de uma globalização mundial, acompanhada de mudanças não esperadas, alterou-se radicalmente o conceito de trabalho, das tecnologias da informação e da comunicação, da visão de mundo, da democracia

e da forma de entender esta nova ordem mundial. Se por um lado, percebeu-se muito progresso e avanços, por outro, logo ficou claro que as dificuldades sociais, políticas e econômicas, produziram também, miséria e a falta de perspectivas sociais.

O mundo mudou nas últimas duas décadas do século passado, e a escola?

Hoje, o desafio para o sistema educacional, então, para os docentes também, é a (re) estruturação da escola, pois muitas são as novidades que adentram os espaços ainda fechados das instituições educacionais. Há mudanças a serem feitas, uma delas, sem dúvida é em relação a formação docente. O profissional da atualidade está preparado para as adversidades e novidades da atualidade?

As questões relativas à educação estão subordinadas a um conjunto de imperativos históricos que determinaram a formação do Estado Brasileiro, mas que sobretudo, continuam imperando e apresentando, para docentes e alunos, demandas e pluralidade a cada dia que passa.

O presente trabalho tem por objetivo debater um tema do projeto de tese de Doutorado, pesquisa ainda em andamento, e procura analisar a relação entre professores, alunos e comunidade, partindo do conceito de *habitus*, desenvolvido por Bourdieu (1979, p. 190).

Esta pesquisa, busca apontar algumas questões e reflexões, que acabaram por predominar sobre a cultura escolar, e que ainda hoje, povoa o interior das escolas. Estes desdobramentos históricos reforçam uma relação e uma visão diferenciada entre professores de classe média e alunos de classes populares, geralmente residentes na periferia da cidade. A estrutura da escola, seriada, predominantemente meritocrática, com tempos e espaços rígidos, não dialogam com a dura realidade da periferia e da miséria em que vivem a maioria dos alunos. Arroyo nos ajuda a pensar sobre como os docentes, insistem, em repetir ano após ano, velhas fórmulas, muito provavelmente, ultrapassadas para o momento atual.

*Vejo como desafiante que os docentes sejam defrontados pelos alunos sobre as imagens com que os representam. Parto de uma hipótese: nos incomodam suas condutas sobretudo porque quebram as imagens que fazemos da infância, adolescência e juventude. Pensando bem, esses imaginários docentes, pedagógicos e sociais não estão ultrapassados? Nós mesmos, quando aluno(as), já percebíamos que não davam conta das formas como vivíamos nossa infância, adolescência e juventude. Por que essas imagens perduraram tanto na cultura docente e escolar?*  
ARROYO (2004, p.35)

A transformação essencial na formação docente fundamenta-se, sobretudo, em possibilidade de entender a educação como algo que deve buscar o novo. Que novo é esse?

Uma nova conceitualização do aprender e do ensinar. Dar sentidos ao que realmente tem sentido na vida dos alunos, e para isso é preciso que o educador seja um intelectual comprometido em romper, com a reprodução de velhos conceitos e velhas fórmulas educacionais.

Para o docente está desenhada a necessidade, mas acima de tudo, o interesse, de mudar o centro do debate pedagógico que reproduz processos segmentados, distanciados da realidade do aluno e construir alternativas pedagógicas em que ensinar e aprender estejam articuladas para conhecimentos que façam sentido para a vida do aluno.

É necessário romper a dicotomia da existência de duas classes, de dois mundos diferenciados. A flexibilização e o reconhecimento das diferenças abrirão espaços para processos de atualização pedagógica necessários à contemporaneidade e à urgência do saber e da cultura discente.

A educação é direito de todos, sendo assim, impõe-se a garantia de aprendizagem para todos, indistintamente. Ocorre que para trabalhar com alunos de origem tão variada e, às vezes, de situações de vulnerabilidade, tão diferenciadas é necessário que o docente entenda a escola e a educação da atualidade de forma diferente de alguns anos atrás.

Pensar alternativas e saídas para esta escola, para que esta se torne menos tradicional, que busque: a pesquisa, construção de um trabalho coletivo e uma práxis crítico-investigatória. Desta forma a escola pode assumir a tarefa de privilegiar um diálogo que resgate valores éticos, estabelecendo um vínculo com a comunidade escolar, onde se recupere estima, valorize os saberes sociais, e tenha em suas mãos um debate teórico-metodológico que viabilize a construção de uma cidadania plena.

### **A história galvanizada:**

#### **Um breve histórico para contextualização.**

O século XX aprofundou o debate sobre cidadania, nunca se falou tanto em cidadania, direitos civis, políticos e sociais.<sup>1</sup> Num primeiro momento podemos nos perguntar o que isso tem a ver com educação. Onde a educação interage com estes conceitos e qual seu significado para quem está dentro da escola? Ou ainda, seria a escola responsável por promover o debate, a defesa e a promoção destes três direitos, Civis, Políticos e Sociais?

---

<sup>1</sup> Conceitos desenvolvidos por MARSHALL, T. H. no livro *Cidadania, Classe Social e Status* e BENDIX, Reinhard no livro *Construção Nacional da Cidadania*. Para estes autores, ser cidadão pleno, passa necessariamente, por estes três direitos.

Esta reflexão, ainda pouco recorrente dentro das escolas, precisa recuperar e atualizar seu fôlego para que possamos aprofundar muitos dos problemas que enfrentamos na educação brasileira. Para introduzir este breve debate, é necessário resgatar um pouco da história brasileira através de Carvalho, onde ele trabalha alguns elementos, que considero centrais, para chegarmos à atualidade do debate.

A herança colonial, segundo o autor, promoveu um lento despertar da cidadania, colocando o Brasil na contramão do que propunha Marshall: Direitos Cívicos, Políticos e Sociais deveriam ser constituídos pela sociedade, nesta ordem, para que a cidadania fosse galvanizada. Para Carvalho, no Brasil, a formação da cidadania teve três obstáculos: a escravidão, a grande propriedade e a falta de afirmação social.

Com estes três obstáculos apresentados por Carvalho, pretendo a seguir, fazer um arrazoado a respeito da influência destes três aspectos na formação da sociedade brasileira e, conseqüentemente, nos problemas da educação brasileira.

O primeiro obstáculo destacado pelo autor, a escravidão, fenômeno colocado no território como um todo, constituindo-se um impacto simbólico para a sociedade e sentido ainda nos dias de hoje.

O segundo aspecto descrito por Carvalho, o latifúndio, assim como a escravidão, não foi bom antecedente para a formação de futuros cidadãos. A grande propriedade oportunizou o surgimento do fenômeno chamado coronelismo. O Coronel apoia o governo em troca de cargos públicos na municipalidade. Para analisarmos o coronelismo precisamos pensar antes na estrutura social do Brasil, baseada no latifúndio e na grande família. Poderíamos dizer que este foi o fator determinante para expansão do coronelismo em território brasileiro. Um poder que sempre andou paralelo com o poder oficial.<sup>2</sup>

Segundo Queiroz, o coronelismo tem sido entendido como uma forma específica de poder político brasileiro que floresceu ao longo da Primeira República, mas cujas raízes nascem a partir do Império como me referia anteriormente. Outro autor que trata deste tema, Eul-Soo Pang, afirma que a principal função do coronelismo é o de exercer o

---

<sup>2</sup> A primeira vila, São Vicente, fundada por Martim Afonso de Souza deu início a colonização do Brasil. A Coroa Portuguesa logo se deu conta da falta de recursos para colonizar toda esta nova terra, dividiu a costa em largas faixas de terra que foram chamadas de capitânicas e ao donatário deu o direito de distribuir as sesmarias. As capitânicas e a distribuição das sesmarias deram início a formação da grande propriedade de terras, uma vez que as mesmas eram distribuídas prioritariamente a pessoas já com posses. Se começa a perceber a formação e organização dos senhores proprietários de terras com seus dependentes e agregados em torno da casa grande. A base social, econômica e patriarcal ( cabe destacar

poder privado deste senhor que através dos seus mandos e desmandos comandava um clã que na maioria das vezes tinha como membros boa parte, senão toda sua família.<sup>3</sup>

Uma pergunta muito comum neste contexto era a seguinte: quem é você? A mesma era seguida da resposta que se tornou muito famosa: Sou gente de coronel fulano. E, ser gente de coronel fulano, poderia colocar esta pessoa em posição muito acima de quem perguntava, como poderia ser problemática, na medida em que estava sendo definido de que lado a pessoa estava.

Com este breve histórico procuro reforçar o segundo aspecto apresentado por Carvalho e que contribuiu sensivelmente para a formação de uma sociedade onde o cidadão foi dobrado, amansado, moldado, enquadrado, ajustado ao seu lugar. “*O bom cidadão não é o que se sente livre e igual, é o que se encaixa na hierarquia que lhe é prescrita.*” (CARVALHO, 1998, p.307) Para este cidadão não está claro seus direitos, muito menos que tem direitos.

O terceiro aspecto apresentado por Carvalho é a questão social. Para o autor, o fato de não ficar explícita a obrigação do Estado Nacional na Constituição de 1891, deixando tal definição para os estados oferecerem o ensino primário, ao contrário do que estava estabelecido na Constituição de 1824, obstruiu ainda mais os caminhos da formação da cidadania brasileira. A educação básica, sem dúvida, é um instrumento que possibilita cidadãos buscarem e se utilizarem de seus direitos. A educação básica é, universalmente, um dos caminhos que conduz a cidadania, é o que mais se aproxima da cidadania plena.

Além disso, ficou proibida a intervenção do Estado nas relações de trabalho, sendo que o campo da “proteção social” cabia aos coronéis. Estes dois elementos contribuíram para que o processo de avanço dos direitos civis e sociais fossem interrompidos, truncados.

A escravidão, latifúndio e a questão social estabeleceram um lastro ideológico que se perpetua até os dias de hoje. Da escravidão herdou-se o preconceito racial. Para os negros pobres, ainda hoje, o sentimento de pertencimento está comprometido, como se não devessem

---

que neste universo nunca houve espaço para as mulheres) teve sua origem nos grandes engenhos de açúcar e nas fazendas de gado já no século XVI. (Queiroz, 1976.)

<sup>3</sup> O nome coronel tinha a sua origem em função da Guarda Nacional. Esta foi criada logo após a Independência do Brasil, que tinha por objetivo manter a ordem no país, fazer o policiamento regional e local. Queiroz afirma serem os postos mais elevados da guarda destinados aos chefes locais de grande prestígio, leia-se, senhores de terras, homens de influência tanto de posses quanto de poder de mando.

fazer parte desta sociedade.<sup>4</sup> O latifúndio<sup>5</sup> que oportunizou a poucos o direito de um lugar digno para viver e, finalmente, a questão social, que ceifou por cinco séculos, os direitos a bens fundamentais para o exercício pleno da cidadania no Brasil.

### **Como romper com uma história galvanizada?**

Esta breve introdução histórica ajuda-nos a refletir, a partir da eleição dos três obstáculos descritos por Carvalho, sobre alguns aspectos que na atualidade explicam, normatizam e obstaculizam o desenvolvimento de uma educação mais comprometida com as transformações sociais, ainda tão necessárias em nossa sociedade. Possibilita-nos também, pensar nos espaços sociais, na cultura, na prática de professores e alunos.

É neste contexto adverso que Stoer<sup>6</sup> afirma:

Aprofunda-se o fosso entre o discurso pedagógico e o discurso político sobre educação. A educação é um campo em disputa, marcada por duas posições majoritárias: uma que defende a Ideologia Democrática e por conseguinte igualdade de acesso a todos, direto à educação e uma pedagogia emancipatória. Outra, que expressa e defende uma Ideologia Meritocrática, onde o conhecimento é um instrumento que transforma o sujeito para dar conta da lógica do mercado. O que importa é o conteúdo, é saber mais, é vencer no Mercado. Ilusão de que a solução passará por mais regulação, por exemplo, através da uma forte ligação de uma pedagogia transmissiva e de performance, preconizando uma pedagogia fundada no conhecimento.

*A hipótese de que se parte é de que a cultura e os anseios da nova classe média estão a influenciar significativamente o discurso ( político e pedagógico) sobre a formação de professores. A proposta que aqui se veicula é a de que a identidade profissional dos professores viverá sempre dilacerada e fragilizada enquanto estes não assumirem os seus “novos “ alunos como sendo “seus” alunos através da reinvenção da relação pedagógica no âmbito da comunidade.*

MAGALHÃES e STOER ( 2002, p. 93-94)

A universalização do ensino fundamental atinge quase 100% do atendimento de crianças dentro faixa etária dos 6-7 aos 14 anos, mesmo assim, a educação está maculada por

4 Depoimento de uma mulher negra em relação a um passeio realizado em Gramado – RS, cidade imigração Alemã.. “ *As pessoas nos olhavam de uma maneira muito estranha. Me senti muito mal.*”

5 A superfície do Brasil, incluindo rios, lagos e montanhas, é de 850 milhões de hectares. Mais ou menos metade desta superfície, uns 400 milhões de hectares, é geralmente considerada apropriada ao uso e ao desenvolvimento agrícola. Ora actualmente, apenas 60 milhões desses hectares estão a ser utilizados na cultura regular de grãos. O restante, salvo as áreas que têm vindo a ser ocupadas por explorações de pecuária extensiva ( que ao contrário do que um primeiro e apressado exame possa levar a pensar, significam, na realidade, um aproveitamento insuficiente da terra), encontra-se em estado de improdutividade, de abandono, sem fruto. Povoando dramaticamente esta paisagem e esta realidade social e económica, vagando entre o sonho e o desespero, existem 4 800 000 famílias de rurais sem terra. A terra está ali diante dos olhos e dos braços, uma imensa metade de um país imenso, mas aquela gente ( quantas pessoas ao todo? 15 milhões? Mais ainda? ) não pode lá entrar para trabalhar, para viver com a dignidade simples que só o trabalho pode conferir, porque os voracíssimos descendentes daqueles homens que primeiro haviam dito: “Esta terra é minha”, e encontraram semelhantes seus ingénuos para acreditar que era suficiente tê-lo dito, esses rodearam a terra de leis que os protegem, de polícias que os guardam, de governos que os representam e defendem, de pistoleiros pagos para matar. ( SARAMAGO, 1997. Pág. 12.)

6 Sobre isso ver STOER e MAGALHÃES, 2002.

um discurso que coloca em contradição dois atores fundamentais da educação brasileira: alunos e professores. De um lado a força das imagens guardadas pelos professores de como deve funcionar a escola. De outro, a miséria, o desemprego, a falta de perspectiva, o desalento e o desencanto com o poder da educação na vida das pessoas.

A história brasileira acabou por galvanizar no povo brasileiro um sentimento não ser merecedor do atendimento de suas demandas e necessidades. A injustiça social está entranhada na vida de mais da metade da população brasileira. A outra metade da população, assiste tudo isso com um misto de sentimentos, entre eles, indiferença e perplexidade perante o sofrimento de seus iguais. Esta realidade por sua vez, não é diferente no interior da escola. Diariamente a dura realidade social adentra os espaços escolares, mas como os docentes se posicionam perante isso? O que isso tem a ver com o trabalho docente? O que fazer para modificar esta realidade? Segundo Ribeiro,

“(…) a insensibilidade ao sofrimento dos mais pobres, laboriosamente construída ao longo de cinco séculos, é o caldo de cultura para a corrupção. O desdém pela pobreza nos torna uma sociedade viciada. Como valores éticos poderão vicejar nesse terreno? Daí que só o combate frontal à injustiça social poderá enfrentar a corrupção. Tudo o mais são meras palavras, muitas delas ingênuas, algumas hipócritas. E quem tem condições de travar esse combate?” (2005, FSP, p. A3)

Para esta reflexão é necessário retomar um conceito desenvolvido por Bourdieu: em que medida o *habitus*, as *tomadas de posição*, as *escolhas* que os educadores assumem na escola, na sala de aula, no pátio, na relação com a comunidade, na opção musical, no esporte, na dança, enfim, tantos exemplos poderia aqui se citar, não são práticas sociais que fazem parte do ethos, ou ainda, dos domínios de uma classe que não àquela que vive na periferia? Em que medida as opções e escolhas de uma classe, não invadem territórios e imaginário de uma outra?

Se como afirma Bourdieu, o espaço social é construído de modo que os agentes sociais ali distribuídos se coloquem a partir ou de acordo com dois indicadores, que segundo ele, são os mais eficientes para medir as diferenciações nas sociedades mais desenvolvidas e que são o capital cultural e capital econômico. Ainda segundo o autor, os professores são os que possuem um grande volume de capital cultural, sendo este talvez o seu maior patrimônio.

*A cada classe de posições corresponde uma classe de habitus ( ou de gostos), produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente e, pela intermediação desses habitus e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistêmico de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidades de estilo. Uma das funções da noção de habitus é a de dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes. BOURDIEU (1979. P. 21)*

Se o *habitus*, como afirma o autor, é um princípio gerador e unificador que traduz as características de uma classe, de estilo de vida, de escolhas, de bens e de práticas, como tudo isso se traduz no cotidiano escolar? Ou ainda na implementação de políticas educacionais inovadoras e geradoras de mudanças e melhorias na educação das classes desfavorecidas economicamente.

Este talvez seja hoje, o centro do debate educacional. Não se trata mais, de se satisfazer com a transmissão de conteúdos, de lutar pela avaliação que retenha o aluno que não corresponde aos conteúdos trabalhados pelo professor, sendo que muitos destes estão cada vez mais distanciados do que o aluno necessita para a vida real, cotidiana. Conteúdos, avaliação são importante sim, pois esta é a tarefa do educador e da escola, mas não se pode viver só disso. Os bancos escolares continuam distanciados da injustiça social, imunes ao sofrimento de toda a gente, preocupados com conteúdos, com qualidade. Mas de que qualidade estamos falando? Consolidar a escola para todos não é o nivelar por baixo ou desistir da excelência acadêmica, fundamentalmente, é garantir uma escola que tenha conteúdo, mas que construa significados para o futuro dos estudantes.

A escola possui muros que a protege da miséria, a favela e o tráfico convivem juntos com a classe média. Dentro da escola porém, a miséria não produz sensibilidade para construir um novo ethos. Quando será que a escola refletirá sobre as bases sociais da injustiça brasileira? Uma pergunta necessária: o que é educar? Esta pergunta é fundamental para a pedagogia no momento em que o mundo se renova em termos de conceitos, paradigmas e visões. O mundo mudou, nada mais é como era antes. E a escola? Continua como antes?

Para mudar a escola, para àqueles que acreditam possível, é preciso primeiro, enfrentar este árduo debate, em segundo, pensar quais são as estratégias e os caminhos por onde seguir.

Esta é a demarcação: enquanto educadores que somos, a cidadania, a justiça, a democracia, os direitos políticos, civis e sociais, o sofrimento da sociedade, no final das contas, quer dizer alguma coisa ou não?

É preciso fazer a pedagogia e a aprendizagem confundirem-se com a vida, a educação deve ser um hábito e como tal deve ser cultivada, exercitada, ensinada. Ela não se dá por meios mágicos. Principalmente quando nada indica que estudar sirva para melhorar a vida, que estudar torne as pessoas mais felizes, ou que tenham sucesso. Os parâmetros de sucesso hoje, não se encontram dentro da escola, mas fora. Para ter sucesso será que não basta ser ator da globo, jogador de futebol ou cantor de pagode? Então, para que estudar?



A educação, é ela própria, uma tarefa difícil, mas não impossível. Para proteger os alunos da sociedade e para fazer de cada ser um cidadão é preciso enfrentar, como afirma Rousseau, a educação como uma arte. “*A educação dos homens é, no fim, aquela que faz de cada homem um cidadão.*” ( STRECK, 2004, p.35) Para isso é preciso ter o desejo de ensinar/educabilidade, de sonhar e de transformar. Segundo Paulo Freire

“ os que aceitam a tarefa de transformação social têm um sonho, embora também tenham grande quantidade de obstáculos pela frente. Conforme já disse, os professores que apoiam o status quo estão nadando a favor da corrente, mas os que desafiam a dominação estão nadando contra a corrente. Mergulhar nessa água significa o risco de ser punido pelos que estão no poder. Por causa disso, o educador libertador tem de criar, dentro de si, algumas virtudes, algumas qualidades que não são dons de Deus, nem sequer lhe são dadas pela leituras de livros, embora seja importante ler livros. O educador libertador tem de criar criando, isto é, inserido na prática, aprendendo os limites muito concretos de sua ação, esclarecendo-se sobre as possibilidades, não são muito aquém nem muito além de nossos limites do medo necessário.” FREIRE E SHOR (1986, p. 209)

Para superar nossos medos é necessário enfrentar o desafio de ir além. O professor é alguém que tem muito a contribuir e como função transmitir esse saber a outros, entretanto os processos de aquisição e aprendizagem dos saberes não podem ficar subordinados a atividade de produção de novos conhecimentos.

### **Qual o desafio?**

#### **A educação como processo crítico-reflexivo.**

Temos todos, clareza, no conjunto de transformações que vem ocorrendo no mundo nas últimas quatro décadas. Podemos, também, nos perguntar, sobre o que mudou de significativo na formação docente e na atuação docente? Educadores transformaram sua ação a partir desta nova realidade?

Este é o cerne da questão da formação docente. Acompanhar as mudanças com propostas educacionais que promovam uma educação inclusiva e, também, transformadora. Propor, mas não só, propiciar currículos e propostas educacionais que estejam sincronizados com as necessidades dos alunos. As problemáticas sociais e culturais que impactam as escolas, os docentes, a vulnerabilidade expressa, diariamente, na figura dos alunos diante dos professores, exige uma nova postura do docente. Diante de tanta heterogeneidade das situações educacionais, não é possível continuarmos com os velhos modelos, mas sim, formular propostas específicas a partir das diferentes demandas escolares.

A busca por novas propostas, novos aportes teóricos, e mais, tecnologias incorporadoras de possibilidades, são estímulos que devem dar novo sentido e, por que não dizer, novas oportunidades aos alunos, estes desafios são, também, tarefa dos docentes. Isto,

entretanto, não pode ser tarefa solitária, ela deve ter sua origem, desde as instituições que formam os docentes, docentes e comunidade escolar . Toda problemática atual a partir deste novo desenho político, social e cultural, têm que fazer parte da formação dos docentes. A universidade, é sim, ponto de partida e responsável por formar docentes que sejam investigadores, reflexivos, críticos e atualizados, mas a partir daí, o docente, também, precisa ter em suas mãos o desafio de ir além.

Sabemos que as dificuldades que enfrentam os docentes na atualidade não resolvem-se a partir da universidade, entretanto, tomar em suas mãos seu próprio destino, talvez seja uma das alternativas. O que fazer então, diante de tantas incertezas? O docente precisa construir uma visão crítico-reflexiva a partir de uma prática contextualizada, como meio para estabelecer novas formas de intervir na realidade, mas não só, também como força e possibilidade de fazer surgir novos discursos teóricos e concepções alternativas para a construção de aprendizagem e de saberes, pois aprender é atribuir significados ao que se aprende.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2004.
- BENDIX, R. **Construção Nacional e Cidadania**.. São Paulo: EDUSP,1996.
- BOURDIEU, P. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **La Distinction**., Paris: Les Editions de Minuit, 1979.
- CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e Bordados: Escritos de história e política**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998.
- CARVALHO, José Murilo de. **Desarrollo de la ciudadanía en Brasil**. México. Fondo de Cultura Económica, 1995.
- FREIRE, Paulo, SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, , 1986.
- MAGALHÃES, Antônio M.; STOER, Stephen. **A escola para todos e a excelência acadêmica**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e Status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores., 1967.

PANG, Eul-Soo. **Coronelismo e Oligarquias- 1889-1943**. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira S.A., 1979.

QUEIROZ, Maria Isaura de. **O Mandonismo local na Vida Brasileira e outros ensaios**. São Paulo. Ed. Alfa-Omega, 1976.

RIBEIRO, Renato Janine. **As bases sociais para a honestidade**. Folha de São Paulo. Pág. A3, 2 de julho de 2005.

SARAMAGO, José. Prefácio. IN: SALGADO, Sebastião. **Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

STRECK, Danilo. **Rousseau e a educação**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2004.